

Doença, farsa, morte.

E a manipulação dos dados

31 MAR 1980

Nelson Senise

SÃO muito efêmeros os frutos do embuste. A sobrevivência da farsa é de duração muito fugaz. No Brasil, entretanto, sucessivos exemplos de falsificação da verdade, através da escamoteação de dados, ainda não serviram de exemplo, infelizmente, para os que acreditam na possibilidade de ilaquear, por tempo indeterminado, a boa fé do público.

Não nos deteremos em comentários sobre precedentes registrados em setores de atividade que não interessam à nossa especialidade. Mas não podemos silenciar diante da situação constrangedora que, ultimamente, parece haver afastado, de forma irrevogável, o Prof. Albert Sabin dos organismos oficiais do Brasil empenhados na campanha contra a poliomielite.

Como devem estar lembrados os leitores mais atentos, principalmente os pais ou responsáveis por crianças até os 12 anos, um fremito de alegria se havia apossado do país quando foi divulgado, em termos oficiais, que a praga da paralisia infantil estaria praticamente erradicada no território nacional. Considerando-se a extensão deste território e as desigualdades sócio-econômicas que atestam a existência de muitos brasis, entre os quais superpõem-se os brasis desconhecidos, miseráveis, sem assistência médico-hospitalar de espécie alguma, o anúncio só poderia ter a ressonância retumbante que teve. Afinal, país algum em processo de desenvolvimento lograra obter tal façanha.

Mas, como a verdade sempre comparece à tona das águas intencionalmente turvas dos que manipulam dados, ao otimismo seguiu-se a decepção, o estarecimento, a vergonha: o Prof. Sabin, perplexo diante de surtos extemporâneos registrados exatamente em regiões mais ricas do Brasil, como o Paraná, compreendeu enfim o logro em que ele próprio, pai da vacina contra a pólio, havia caído. E pôs a boca no trombone ao declarar, sem rodeios, que o Governo brasileiro mentiu ao apresentar números falsos com relação à incidência do mal perante a Organização Mundial de Saúde.

Embora surpreendessem as autoridades sanitárias do or-

ganismo internacional pela ínfima penetração, só comparável a situações registradas em nações superdesenvolvidas, a informação nacional foi acolhida com o respeito que, em princípio, merecem todos os países membros da OMS, apesar das naturais reservas.

Pondo de lado o aspecto político da questão, à qual se pretendeu dar uma conotação puramente promocional, o Prof. Sabin, ateve-se exclusivamente ao ângulo científico do fato. E foi sob esse enfoque que se viu forçado a denunciar a vergonha nacional que o Governo tentou encobrir, mascarando a sua imagem à custa de muitas mortes e penosos sofrimentos.

A esta altura dos acontecimentos não interessa apurar, para efeito de identificação perante a opinião pública, quem foi o executante da mentira — se o Ministério da Saúde, se o IBGE. Se houve executante, houve mandante. E mandante, ou conivente apenas, só pode apontar-se um, o Governo. Afinal, todos os órgãos que integram a comunidade de informações no Brasil estão sob seu comando. Sua responsabilidade, na empulhação da pólio, é inteira.

Mas, como foi comentado no início destas linhas, somos um povo que parece viver sob a égide da mentira. Lembrome agora que, há mais ou menos 15 anos fomos impedidos de publicar uma pesquisa sobre os índices de mortalidade infantil no Brasil. E que os números reais diferiam em mais de 30% sobre os dados oficiais divulgados pelo Ministério da Saúde. Discreta-

mente, o nosso pequeno trabalho foi arquivado sem réquiem e sem vela — e volatizou-se com o passar do tempo. Não dispomos sequer de uma cópia desse levantamento para reproduzi-lo em parte ou in totum, a fim de reforçar a denúncia do Prof. Sabin contra esse mau hábito nativo de brincar com a verdade em casos de vida ou morte.

Os dados manipulados, segundo a denúncia do Prof. Sabin, abrangem o período de 1969 a 1973 (Governo Médici) e, apesar dos desmentidos dos ministros da época, parecem nebulosos. Mais nebulosa ainda torna-se a situação, agora que o cientista, convidado pelo Ministério da Saúde a participar de nova campanha contra a pólio, desliga-se de público da comissão, insatisfeito com os rumos que vinham sendo seguidos e declara textualmente: "Suspeito que haja pelo menos dez vezes mais casos de poliomielite no Brasil do que indicam os relatórios da Fundação de Serviços Especiais de Saúde Pública". E prossegue o eminente cientista atribuindo à burocracia — pasmem! — os obstáculos que impedem a realização de um programa honesto e bem delineado. O vírus burocrático é mais forte do que o próprio vírus da poliomielite. Eis a conclusão.

Depois dessas declarações que mais podemos dizer? Somos um país de mentiras? A ética médica continuará a impedir que conheçamos a verdade?

O que a nação espera é que, sejam quais forem os métodos de pesquisa e ação do Ministério da Saúde, prevaleça sempre, entre os cientistas e técnicos brasileiros empenhados no combate à paralisia, o respeito pela verdade e, em consequência, pela opinião pública nacional. Respeitamos e admiramos os nossos cientistas. Só temos a lamentar não tenhamos um Oswaldo Cruz à frente do Ministério da Saúde.

Somos realmente um país rico. Rico de mentiras, de farsas, de embustes, de mistificação. Brincamos com a saúde do povo.

O Dr. Nelson Senise é médico no Rio de Janeiro.